

- Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Dr. João Casteleiro e restante mesa,
- Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Vitor Pereira, e restante Executivo,
- Senhor Vice - Reitor da Universidade da Beira Interior, Professor Doutor José Páscoa,
- Senhoras e Senhores eleitos da Assembleia Municipal,
- Senhoras e Senhores Presidentes de Juntas e Uniões de Freguesia do Concelho da Covilhã,
- Senhoras e Senhores representantes dos serviços desconcentrados do Estado,
- Ex.mas. Autoridades Civas, Militares e Religiosas,
- Senhor Comandante dos Bombeiros Voluntários da Covilhã, Eng. Luis Marques,
- Exma. Senhora Presidente da Comissão das Comemorações do Cinquentenário do 25 de Abril,
- Senhores Representantes das Associações, Empresas, Coletividades e Sindicatos do Concelho,
- Estimados funcionários da autarquia,
- Senhoras e Senhores representantes da comunicação social,
- Ilustres convidados,
- Estimadas e estimados Covilhanenses,
- Minhas Senhoras e meus Senhores,

Terminamos hoje as Comemorações dos 50 anos da data maior do Portugal contemporâneo, o 25 de Abril de 1974. O que significa, simultaneamente, que começamos também hoje as comemorações do quinquagésimo primeiro ano da generosa Revolução de Abril, que nos resgatou das trevas dos 48 anos de obscurantismo salazarista e nos devolveu a esperança no futuro, iniciando aquele que Sophia declarou ser o “dia inicial inteiro e limpo”.

Podemos dizer que a beleza madrugante deste verso mil vezes repetido já se nos inscreveu no fundo da alma, e permanece como divisa luminosa e esperançosa, mesmo nestes tempos sombrios que o mundo atual atravessa.

O povo tinha sede de Liberdade, mas também tinha fome de participar ativamente no processo democrático em curso. E isso viu-se nas ruas e nas mesas de voto, em 1975! Votaram nas eleições que elegeram a Assembleia Constituinte mais de 92% dos cidadãos recenseados! Um exemplo e uma inspiração para os eleitores que hoje são chamados a, livremente, escolher os seus Governantes!

As eleições do 25 de Abril de 1975, após décadas de ditadura e de eleições parciais e fraudulentas, constituem, pois, um momento alto e decisivo da história da construção da democracia portuguesa.

Por isso digo: temos de ser dignos e estar à altura do que herdámos.

Por isso comemoramos e festejamos hoje o momento fundador da nossa democracia, a mesma que nos confere a legitimidade de representarmos os covilhanenses.

Começamos justamente hoje o compromisso coletivo com os próximos 50 anos de liberdade e de democracia para que, em 2074, aqueles que aqui estiverem a comemorar, celebrem com alegria e entusiasmo renovado o centenário da liberdade e da democracia em Portugal.

**Minhas Senhoras e meus Senhores,
Estimadas e estimados Covilhanenses,**

Sinto-me genuinamente um sortudo “filho de Abril”!

Não só por ter nascido depois da revolução, não só por, tal como muitos outros covilhanenses, ter nascido numa Família que sofreu na pele as duras condições do trabalho fabril no tempo da ditadura e da guerra colonial, mas sobretudo porque me sinto diretamente beneficiário daquilo por que outros lutaram e conquistaram para mim e para a minha geração.

A minha infância, lá em casa, por entre familiares e amigos, foi marcada pelas histórias do tempo salazarista. Histórias de medo da PIDE, de dificuldades de todo o tipo, de privações, de sobrevivência, de guerras travadas lá no “ultramar”.

Quero aproveitar este momento simbólico para homenagear todos os milhares de portugueses ex-combatentes, muito em especial os ex-combatentes covilhanenses, pelo sacrifício que fizeram em nome de Portugal.

A todos, a minha penhorada gratidão e reconhecimento.

Mas também a todos os que combateram, não com armas, mas com a sua consciência e foram presos, e torturados e aviltados e exilados. Portugal saiu de uma longa noite, das mais profundas trevas, como bem o ilustra o nosso conterrâneo, José António Pinho, no seu livro *Caminhos da Liberdade*, quando nos relata a libertação de presos políticos do Forte de Caxias: “E agora? O que vamos fazer? Para onde vamos? Nem sequer um escudo temos conosco...”. Esta é uma excelente metonímia de todo o Portugal deixado pela ditadura fascista, na manhã do 25 de Abril: um País à procura de liberdade, sim, mas também de desenvolvimento.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Estimadas e estimados Covilhanenses,

Abril grita-nos que nunca podemos perder a esperança e entregarmo-nos à fatalidade.

Na maioria das vezes, cada um de nós não escolhe as circunstâncias, e muito menos escolhe o tempo que lhe é dado viver.

Mas está sempre em nosso poder decidir a atitude que assume perante as circunstâncias.

Podemos ficar a lamentar-nos como eternos ‘Calimeros’, ou arregaçarmos as mangas e decidirmos o que fazer.

Foi isto mesmo que fizeram aqueles corajosos militares que saíram da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, com o Capitão Salgueiro Maia à frente.

E permitam-me que evoque também particularmente o bravo Capitão de Abril, Carlos Matos Gomes, que nos deixou há poucos dias e que há cerca de um ano, neste mesmo Salão Nobre, quis partilhar connosco as suas memórias desta bela revolução. Nele, como já disse e repito, quero também homenagear todas e todos os milhares de resistentes antifascistas.

E homenagear todo o Povo para quem e por quem a Revolução foi feita!

Sim, o Povo do qual nós fazemos parte, porque todos também somos do Povo, com o Povo e para o Povo!

Foi ele que, desde a primeira hora, saiu à rua para provar o sabor da Liberdade, se juntar aos militares e tornar a Revolução irreversível!

O Povo é o sujeito soberano da história, é o participante ativo nas transformações políticas e sociais, e deve ser o destinatário último de todas as nossas medidas políticas.

Apesar da revolução pacífica, não podemos esquecer aqueles quatro que nesse dia morreram às balas da PIDE, na Rua António Maria Cardoso. O João Arruda — colega estudante e companheiro de residência do nosso Presidente da Assembleia Municipal, Dr. João Casteleiro — de Fernando Reis, de José Barneto e de Fernando Giesteira.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Estimadas e estimados Covilhanenses,

Quero acrescentar a todos os combatentes, resistentes e aos bravos de Abril, também todos aqueles que continuaram a marcha.

Refiro-me a todas e a todos os que, já em regime democrático pluripartidário normalizado, aceitaram exercer cargos políticos. Só na Covilhã, o número dos eleitos para todos os órgãos autárquicos ao longo dos últimos 51 anos ascende a mais de três mil!

A todos estes - Homens e Mulheres - devemos terem disponibilizado o melhor do que sabiam e podiam a favor da causa pública e do desenvolvimento do país que hoje somos.

Podemos dar as voltas que quisermos, mas só temos razões para nos orgulharmos, coletiva e comparativamente, do que conseguimos fazer neste meio século.

Foi uma transformação impressionante!

Em 51 anos passámos de um Portugal atrasado em que o futuro imediato para os mais jovens era a guerra, para um país plenamente integrado na Europa, com índices de desenvolvimento equiparáveis, e nalguns aspetos, acima de outros países da União Europeia. Da aparente fatalidade da guerra que destruiu os sonhos de famílias e gerações de jovens passámos para as oportunidades de educação, desenvolvimento pessoal e de mobilidade no espaço europeu.

Da fraca ou inexistente cobertura de água e eletricidade fora dos grandes centros urbanos, a democracia normalizou o acesso a estes elementos primários à nossa vida quotidiana

Em 51 anos, passámos de um povo analfabeto e iletrado, em que a escola, e sobretudo o ensino superior, eram privilégio de uma elite burguesa, para um país em que o acesso ao ensino se democratizou.

A Escola Pública alcançou todo o território nacional e foi o fator mais decisivo na mobilidade social, cumprindo o sonho dos revolucionários liberais do séc. XIX e os ideais da nossa Primeira República. Temos hoje níveis de qualificação superiores à média da OCDE, o que confere oportunidades aos jovens, mas também aumenta a competitividade do país à escala global na atração de investimento de elevado valor.

Apesar de cerca de metade dos nossos chegarem à Universidade, continua a ser preciso garantir que não são obrigados a abandoná-la por falta de meios.

Em 51 anos, construímos o Serviço Nacional de Saúde para promover a saúde, o bem-estar, a longevidade, a solidariedade, a justiça, a coesão social e a igualdade entre todos os cidadãos.

Temos também de referir, obrigatoriamente, o Estado Social que construímos e que certas ideologias neoliberais hoje querem pôr em causa, com a ideia da «mão invisível do mercado» que mais não é, neste plano, senão a afirmação de que «cada um que se desenrasque».

O Estado Social não se quer substituir a ninguém, mas tem o dever de zelar pelos que mais precisam, pelos excluídos, pelos que estão abaixo do limiar da pobreza, em absoluto respeito pela dignidade humana.

Como noutro contexto nos alertava **Papa Francisco**, quando nos visitou, em 2023, também aqui temos de dizer o «**Todos, todo, todos!**».

Especialmente nas situações mais vulneráveis das nossas vidas - na doença, no desemprego, na aposentação, na exclusão, no tratamento desigual, na xenofobia, etc. - temos de garantir que ninguém fica para trás!

Somos hoje, sem sombra de dúvida, uma sociedade mais livre, mais tolerante, mais inclusiva, mais próspera, mais justa, mais desenvolvida e mais solidária do que éramos há 51 anos atrás. **Somos, de longe, um Portugal muito melhor!**

**Minhas Senhoras e meus Senhores,
Estimadas e estimados Covilhanenses,**

Sou de uma geração para a qual a Liberdade parece um dado adquirido.

Mas, isto é uma muito perigosa ilusão, como hoje estamos dolorosamente a ver!

A Liberdade e a Democracia são conquistas permanentes e diárias, cuja renovação constante confere sentido ao tempo que vivemos.

Hoje vivemos no mundo tempos sombrios e estranhos.

De guerra, de intolerância, de violência, do direito do mais forte, de ódio gratuito, de individualismo, de polarização e acantonamento de posições que favorecem toda a sorte de populismos. Até da destruição de regimes democráticos por líderes autoritários da extrema direita, seja em Estados-Membros da União Europeia ou nos Estados Unidos.

É quase impensável o que está a acontecer na nossa Europa. Com a invasão da Ucrânia pela Rússia, treme a Europa e os princípios básicos da civilização ocidental assente na convivência pacífica e no respeito pelo Direito Internacional e a Carta das Nações Unidas. Com a deriva iliberal, isolacionista e totalitária dos Estados Unidos da América, altera-se subitamente toda a ordem mundial, com consequências imprevisíveis no plano político, comercial, de defesa comum, dos direitos humanos e dos valores ambientais. É totalmente inaceitável o que está a acontecer no Médio Oriente, com a escalada ao infinito do conflito em Gaza.

Apesar de aparentemente distantes de Portugal, estes conflitos afetam-nos a todos. As tarifas impostas pelos EUA ir-nos-ão diretamente ao bolso.

Mas não é só isso. Também Portugal regista o crescimento de movimentos políticos radicais e intolerantes, que se afirmam cavalgando o ódio, a xenofobia, o medo, a inveja e o ressentimento entre as pessoas e procuram importar os exemplos de destruição da democracia nos Estados Unidos ou na Hungria para o nosso país. São esses que nos farão regressar 51 anos no passado, para uma vida sem liberdade, com censura, de oligarquia e de isolamento internacional, com nefastas consequências económicas como já se assiste nos Estados Unidos.

Estes partidos exploram tudo aquilo que em vez de nos ajudar a construir juntos uma “vida boa”, a união e a concórdia, só promove entre nós o mau-viver a desunião e a discórdia.

Mas connosco, o fascismo, a xenofobia, o racismo e a intolerância não passarão!

Em vez do ódio, os eleitores saberão que o PS estará do lado do humanismo. Em vez do isolamento internacional, os eleitores saberão que o PS estará do lado de uma economia pujante e global capaz de melhorar continuamente o bem-estar dos portugueses. Em vez de fazer política para uma oligarquia de interesses instalados, o PS estará do lado de uma economia social e de mercado capaz de competir nas tecnologias de ponta ao nível global.

De algum modo, a mensagem de humanismo de que nos orgulhamos foi também a mensagem maior do **Papa Francisco**, que há dias nos deixou — e **aqui fica a nossa sentida homenagem** — que tanto por palavras como por gestos foi um grande lutador por todas estas causas e, acima de tudo, pela dignidade humana e inviolabilidade de cada consciência.

Quero assegurar-vos que, enquanto socialista, republicano e amante da democracia, serei um lutador incansável para combater, denunciar e travar aqueles extremismos.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Estimadas e estimados Covilhanenses,

Novos desafios se nos levantam ao nível Nacional, Regional e Autárquico.

Questões mais urgentes e emergentes que vivemos: a **Habituação**, o **Emprego** justamente remunerado, a **Saúde**, a **Justiça**, a emergência **Ambiental** e a **Cultura**.

A **Habituação**: Como é que os nossos jovens podem pensar em casar e ter filhos, ter futuro, sem terem habitação a preços acessíveis? Como é que a classe média pode hoje aceder a uma habitação digna com os preços atuais dos imóveis?

A Lei de Bases da Habitação foi aprovada em 2019 e estão hoje em curso um conjunto de políticas de habitação ao nível do investimento em habitação pública que procuram dar resposta a este problema.

Mas é preciso ir muito mais longe, ter muito mais ambição e dar respostas aos jovens e à classe média com novas soluções!

Saúde: é determinante para toda a população. É fundamental valorizar as carreiras dos profissionais e investir nas condições de trabalho do nosso Serviço Nacional de Saúde para que possamos dispor de um SNS com qualidade, para todos, independentemente da situação financeira de cada um.

O **Emprego:** apesar da situação de quase pleno emprego que vivemos em Portugal, a verdade é que precisamos crescer na qualificação dos trabalhadores, na remuneração do trabalho e no valor acrescentado da nossa economia. Só apostando nos setores de futuro teremos uma economia que conseguirá pagar melhores salários e dar condições ao jovens para se fixarem no nosso território.

A **Justiça** e a separação dos poderes são também a bases fundamentais da Democracia e do Estado de Direito. É indesmentível, porém, que tanto a judicialização da política como a politização da justiça, apenas servem interesses ilegítimos e não-escrutinados, que fragilizam a Democracia.

Tivemos um Governo suportado por uma maioria absoluta interrompida por um processo judicial. Assistimos de novo, neste momento, em pleno processo eleitoral, a um súbito e imprevisível protagonismo das estruturas judiciais. Serão apenas coincidências? Cada cidadão pense por si. É urgente e inadiável pensar a Justiça de forma desassomburada, a fim de a tornar mais ágil, mais acessível, mais eficaz, mais confiável e mais célere — para que seja mais justa!

A preservação **Ambiental** face às alterações climáticas é uma evidência e uma emergência mundial à qual Portugal tem respondido com políticas arrojadas de liderança que nos farão também mais competitivos e menos dependentes de autocracias para fornecimento de energia.

A **Cultura.** Não esquecemos a Cultura e as Artes como pilar essencial da democracia, pois contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de refletir sobre a sociedade e participar ativamente nela.

25 de Abril de 2025 — Sessão Comemorativa 51º aniversário do 25 de Abril de 1974

A Cultura aprofunda a democracia, amplia o repertório simbólico e emocional das pessoas, promovendo empatia, diálogo e a pluralidade.

A Cultura enriquece a vida em comunidade, como ferramenta fundamental para a vitalidade e a profundidade da experiência democrática.

A Cultura foi e será sempre o farol de resistência e a luz de esperança para ultrapassar os tempos sombrios das sociedades.

**Minhas Senhoras e meus Senhores,
Estimadas e estimados Covilhanenses,**

O 25 de Abril de 1974 e o 25 de Abril de 1975 — a primeira como a data da Revolução, a segunda das primeiras eleições livres e representativas para a Constituinte — estão entre as datas mais importantes do Portugal contemporâneo e das mais significativas da nossa longa história coletiva.

Que cada um dos representantes dos poderes constitucionais saiba estar à altura dos desígnios de Abril e serem dignos da função que representam.

Que os exemplos — que devem vir de cima — se traduzam em acréscimo de credibilidade.

O futuro não acontece simplesmente como um facto. Ele não cai como cai a chuva.

A realidade social e política é uma construção complexa.

O futuro, pelo menos em parte, é sempre fruto das nossas decisões. Será o que dele quisermos fazer.

Comemoramos, hoje, o primeiro dos próximos 50 anos sobre a Revolução de Abril. Um longo caminho fizemos, mas é um caminho sempre em aberto, que não se esgota. Como cantou Ary dos Santos no seu poema *As Portas Que Abril Abriu*:

“Mesmo que seja com frio
é preciso é aquecer
pensar que somos um rio
que vai dar onde quiser,



pensar que somos um mar
que nunca mais tem fronteiras
e havemos de navegar
de muitíssimas maneiras”.

Viva o 25 de Abril!

Viva os Capitães de Abril!

Viva o Povo!

Viva a Democracia!

Viva a Liberdade!

Viva a Covilhã!

Viva a Portugal!

25 de Abril de 2025,

Hélio Fazendeiro